

RAYMOND WILLIAMS

O CAMPO
E A CIDADE

Na história e na literatura

Tradução

Paulo Henriques Britto



Copyright © 1973 by Raymond Williams

Publicado mediante acordo com Chatto & Windus Ltd., Londres

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The country and the city

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Mário Vilela

Índice onomástico

Gabriela Morandini

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Juliane Kaori

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Williams, Raymond

O campo e a cidade : na história e na literatura / Raymond Williams ; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: The country and the city

ISBN 978-85-359-1796-3

1. Literatura inglesa — História e crítica 2. Vida rural na literatura 3. Vida urbana na literatura 1. Título.

10-14102

CDD-820.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : História e crítica 820.9

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

- Agradecimentos 9
1. Campo e cidade 11
2. Um problema de perspectiva 22
3. Bucólico e antibucólico 29
4. Idades do Ouro 65
5. Cidade e campo 81
6. Assim escolhem seu próprio destino 95
7. A ética do melhoramento 104
8. Os fios da Natureza 115
9. Criado para ser lavrador 148
10. Cercamentos, terras comunais e comunidades 165
11. Três escritores da região de Farnham 183
12. Vistas agradáveis 201
13. A linguagem verde 213
14. Transformações na cidade 241
15. Gente da cidade 260
16. Comunidades cognoscíveis 278
17. O campo em segundo plano 303
18. Wessex e a fronteira 327
19. Cidades de trevas e de luz 354
20. A figura humana na cidade 382
21. O homem do campo de hoje 407
22. De novo a fronteira 434
23. A cidade e o futuro 446
24. A nova metrópole 456
25. Cidades e campos 471

Apêndice 499

Notas 501

Bibliografia seleta 516

Índice onomástico 525

Sobre o autor 531

1. CAMPO E CIDADE

“Campo” e “cidade” são palavras muito poderosas, e isso não é de estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas. O termo inglês *country* pode significar tanto “país” quanto “campo”; *the country* pode ser toda a sociedade ou só sua parte rural. Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização.

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida — de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações — de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.

A realidade histórica, porém, é surpreendentemente variada. A “forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas — de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais —, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. Também a cidade aparece sob numerosas formas: capital do Estado, centro administrativo, centro religioso, centro comercial, porto e armazém, base militar, polo industrial. O que há em comum entre as cidades antigas e medievais e as

metrópoles e conurbações modernas é o nome e, em parte, a função — mas não há em absoluto uma relação de identidade. Além disso, em nosso próprio mundo, entre os tradicionais extremos de campo e cidade existe uma ampla gama de concentrações humanas: subúrbio, cidade-dormitório, favela, complexo industrial. Mesmo o conceito de aldeia, aparentemente simples, revela ao longo da história uma grande diversificação — seja de tamanho e natureza, seja, internamente, quanto ao fato de as comunidades serem dispersas ou nucleadas, e isso tanto na Grã-Bretanha como em qualquer outro lugar.

Apesar de todas essas diferenças, persistem certas imagens e associações; e o objetivo deste livro é descrevê-las e analisá-las, vê-las conectadas à experiência historicamente variada. Por motivos de ordem prática, a maioria dos exemplos que utilizei é da literatura inglesa, ainda que meus interesses sejam muito mais amplos. De qualquer modo, deve ficar claro que a experiência inglesa é especialmente significativa, na medida em que uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra muito cedo, e num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não encontra paralelo. A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional. Na fase imperialista da história da Inglaterra, a natureza da economia rural, na Grã-Bretanha e em suas colônias, foi, mais uma vez, transformada muito cedo: a importância da agricultura doméstica tornou-se quase nula, com apenas 4% dos homens economicamente ativos trabalhando na agricultura — isso numa sociedade que, em toda a longa história das comunidades humanas, já havia se tornado a primeira de população predominantemente urbana. Como boa parte dos principais processos de desenvolvimento subsequentes — e mais, o próprio conceito generalizado de “desenvolvimento” — vem se dando nessa direção, a experiência inglesa continua sendo excepcionalmente importante: é não apenas sintomática como também, sob certos aspectos, reveladora; e por sua intensidade será sempre memo-

rável, independentemente do que possa vir a suceder. Pois o fato fundamental é que, com todas essas experiências transformadoras, as atitudes inglesas em relação ao campo e às concepções da vida rural persistiram com um poder extraordinário, de modo que, mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural; e mesmo no século XX, numa terra urbana e industrializada, é extraordinário como ainda persistem formas de antigas ideias e experiências. Tudo isso dá à experiência e à interpretação inglesas do campo e da cidade uma importância permanente, ainda que não exclusiva, é claro.

Essa importância pode ser formulada, e terá de ser avaliada, enquanto problema geral. Vale dizer logo de início, porém, que, para mim, a questão sempre foi pessoal, desde que me tenho por gente. Isso porque, numa Grã-Bretanha predominantemente urbana e industrializada, quis o acaso que eu nascesse numa aldeia remota, uma antiquíssima povoação do interior, na fronteira entre a Inglaterra e o País de Gales. A trinta quilômetros da aldeia, no final de uma linha de ônibus, havia, de um lado, uma antiga cidade com uma catedral; do outro, uma antiga cidade de fronteira que era um centro comercial; mas a apenas alguns quilômetros dali surgiam as primeiras cidades e aldeias da grande região produtora de carvão e aço do sul de Gales. Antes de ter lido qualquer descrição ou interpretação das mudanças e variações das comunidades e formas de vida, eu as vi concretamente, em ação, com uma clareza inesquecível. Meus estudos levaram-me a uma outra cidade, construída ao redor de uma universidade, e desde então, vivendo, viajando e trabalhando, tive oportunidade e necessidade de visitar muitas cidades grandes, de diferentes tipos, e de olhar para a frente e para trás, no espaço e no tempo, conhecendo e tentando conhecer essa relação, enquanto experiência e enquanto problema. Já escrevi a esse respeito de diversas maneiras, mas ao mesmo tempo venho coletando, ao longo dos anos, o material necessário para escrever sobre o assunto explicitamente, com uma abordagem de história social, literária e intelectual.

O resultado é este livro; ainda que frequente e necessariamente ele adote procedimentos impessoais de exposição e análise, há sempre, por trás de tudo, um ímpeto, um engajamento pessoal. E, como a relação entre campo e cidade é não apenas um problema objetivo e matéria de história como também, para milhões de pessoas hoje e no passado, uma vivência direta e intensa, não julgo necessário justificar esta causa pessoal, ainda que faça questão de mencioná-la.

Assim, logo de saída, antes mesmo de iniciar a argumentação, devo dizer que para mim a vida rural tem diversos significados. São os olmos, os pilriteiros, o cavalo branco no campo que vejo pela janela enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar. É o trator descendo a estrada, deixando a marca denteada dos pneus na lama; é a luz acesa na madrugada, na criação de porcos do outro lado da estrada, no momento de um parto; o caminhão lerde na curva fechada, repleto de carneiros amontoados na carroceria; o cheiro forte do melaço na forragem. É a terra estéril, de argila saibrosa, não muito longe daqui, que está sendo loteada para a construção de casas, ao preço de 12 mil libras o acre.

Como já disse antes, nasci numa aldeia e até hoje moro numa aldeia. Mas nasci ao pé das Black Mountains, na divisa de Gales, onde os prados são de um verde vivo que contrasta com o vermelho da terra arada, e as árvores mais próximas de minha janela são carvalhos e azevinhos. Agora vivo na planície, num promontório de argila saibrosa, perto de diques e comportas, na terra negra da região de Fens, sob os amplos céus de East Anglia.

Esse contraste físico é uma presença constante para mim, mas não é o único contraste. No seio daquela aldeia nas Black Mountains, como também nesta, há um contraste profundo impregnado de inúmeros sentimentos: contraste entre o que parece

natureza virgem — a presença física das árvores, aves, paisagens em movimento — e uma agricultura ativa, que na verdade produz boa parte da natureza. Ambos os tipos de sebe — ali sobre uma plataforma, aqui brotando do chão plano ou ladeando uma vala, juntamente com os carvalhos e azevinhos, os olmos e pilriteiros que as acompanham, tudo isso foi visto, plantado e cultivado pelo homem. No final da trilha perto da casa de minha infância existe agora uma ampla rodovia, pela qual passam caminhões em alta velocidade. Contudo, aquele caminho também foi aberto, pavimentado e usado por veículos: só está ali há duas gerações, desde o tempo em que um jovem construtor casou-se com a filha de um fazendeiro e recebeu um pedaço de terra para lá construir sua casa, e depois sua oficina, juntamente com o caminho, e depois as casas vizinhas, e depois oficinas sucessivamente convertidas em casas; a primeira dessas oficinas veio a ser a primeira casa de meus pais. No campo onde vejo o olmo e o cavalo branco, atrás da minha casa atual, existem tênues vestígios de uma construção do século IX, e trinta centímetros abaixo da grama jaz uma estrada de pedras, que oferece resistência às estacas que agora estão sendo cravadas para uma cerca de arame.

Assim, essa vida campestre tem muitos significados: em termos de sentimentos e de atividades; no espaço e no tempo. As pedras da estrada soterrada são mais velhas que a universidade, à qual se chega por uma trilha de cavalo, oito quilômetros de sebes ralas de pilriteiros, passando pelo campo aberto, varrido pelo vento, e pelo bosque de Starvegoose. De certa forma, os trinta centímetros de terra que cobrem equivalem a um milênio. Mas aquele caminho na aldeia das Black Mountains, agora tão diferente tanto da rodovia quanto da alameda que ainda guardo na memória, é recente: remonta à época em que meu pai, aos doze anos de idade, foi trabalhar na fazenda. Guardo comigo as referências dadas pelo fazendeiro quando meu pai foi embora: um texto escrito em letra trêmula e arredondada, atestando que ele era honesto e trabalhador. E ele partiu para ser cabineiro da estrada de ferro — aquela linha quádrupla atravessando o vale, estrada velha, ferrovia de mina; estrada nova, ferrovia de

passageiros; os cortes e terraplenos que lembram contrafortes; familiares, assentados há cem anos. Quando nasci, meu pai era sinaleiro, na cabine do vale; integrava uma rede que se estendia a lugares conhecidos, Newport e Hereford, mais ao longe, Londres; ele, porém, continuava um aldeão, com seus jardins e suas abelhas, levando frutas e legumes ao mercado, de bicicleta — uma outra rede, da qual ele participava com sua bicicleta, até um mercado onde os fazendeiros chegavam em carros e os comerciantes em caminhões: o século em que vivemos. Como seu pai, ele nascera para aquela terra, porém — como seu pai — não podia viver dela. Joseph, meu avô, foi lavrador até a meia-idade; então, perdeu o emprego e a casa, e foi trabalhar na estrada que ia para os Midlands e outras cidades, cortando galhos e limpando a pista. Um tio morava em Londres, outro em Birmingham; nos feriados e nas visitas, nossa família, nos relacionamentos mais diretos, passava do campo para a cidade. Éramos uma família dispersa — ao longo da estrada, da ferrovia, e agora em cartas e textos impressos. Eram essas as diferentes comunicações e conexões entre campo e cidade, passando por lugares e comunidades intermediários, empregos e residências intermediários ou temporários.

Assim, essa vida campestre tinha seus significados, mas eles mudavam, tanto em si próprios quanto em relação a outros. No sudoeste, à noite, víamos o brilho dos altos-fornos da região industrial do sul de Gales, do outro lado da serra negra de Brynarw. Agora, no leste, à noite, acima do campo dos olmos e do cavalo branco, vejo o brilho que vem de Cambridge: um branco de laivos alaranjados; e no outono, aqui, os restolhais são queimados, e o fogo por vezes chega às sebes; uma noite, quando vi esse fogo pela primeira vez, pensei tratar-se de um estranho incêndio acidental. A minha própria rede, que inclui este lugar onde escrevo junto à janela, compreende Cambridge, Londres e, mais além, os lugares assinalados por selos e carimbos diferentes, as cidades distantes: Roma, Moscou, Nova York.

As luzes da cidade. Saio de casa no escuro, antes de deitar-me, e olho para aquele brilho no céu: olho para a cidade pensando

no Jude de Hardy,* contemplando a distante Christminster, atingível e inatingível. Ou penso em Wordsworth, vindo do campo para Londres e dizendo, na ponte de Westminster:

*Nada há na terra de maior beldade:
Só um insensível para contemplar
Vista tão límpida sem se empolgar:
Como se fosse um traje, esta cidade
Ostenta da manhã a claridade,
O silêncio e a beleza sem par;
Torres e cúpulas se elevam no ar
Em luminosa e suave majestade.^{1**}*

É bem verdade que se trata de uma visão da cidade antes da azáfama e do barulho do dia de trabalho, porém não há como não reconhecer esse sentimento, e eu próprio o experimentei muitas e muitas vezes: os grandes prédios da civilização; os pontos de encontro; as bibliotecas e teatros, as torres e cúpulas; e — muitas vezes ainda mais emocionante — as casas, as ruas, a tensão e o entusiasmo de estar no meio de tanta gente, com tantas metas diferentes. Já me vi em muitas cidades e experimentei essa sensação — nas diferenças físicas entre Estocolmo, Florença, Paris e Milão, esta qualidade identificável e comovente: o centro, a atividade, a luz. Como todo mundo, também já senti o caos dos metrôs e engarrafamentos de trânsito; a monotonia de casas idênticas enfileiradas; a pressão agressiva de multidões de desconhecidos. Mas isso só se configura como experiência, como uma experiência adulta, quando passa a incluir também o movimento dinâmico,

* Referência a *Jude the Obscure* [Judas, o Obscuro], romance de Thomas Hardy. (N. E.)

** Earth has not anything to show more fair:/ Dull would he be of soul
who could pass by/ A sight so touching in its majesty:/ This city now doth,
like a garment, wear/ The beauty of the morning; silent, bare,/ Ships, towers,
domes, theatres and temples lie/ Open unto the fields, and to the sky;/ All
bright and glittering in the smokeless air.

nesses centros de realizações concretizadas, realizações muitas vezes magníficas. H. G. Wells comentou certa vez, ao sair de uma reunião política em que se discutiam as transformações sociais, que aquela grande cidade a seu redor já dava a medida do obstáculo, do quanto seria preciso mudar para que houvesse transformações. Também já experimentei esse sentimento, ao levantar os olhos para contemplar grandes edifícios onde o poder tem sua sede, porém não digo: “Eis a cidade, o grande monumento burguês, estrutura imponente desta civilização ainda precária” — ou não digo apenas isso; digo também: “Foi isto que os homens construíram, muitas vezes de modo magnífico; portanto, não é verdade que tudo é possível?”. De fato, essa sensação de ilimitadas possibilidades, de encontro e movimento, é um fator permanente do sentimento que me inspiram as cidades: um sentimento tão permanente quanto aqueles outros que experimento quando, do alto de uma montanha, contemplo a grande colcha de retalhos multicolorida dos campos que gerações de pessoas de meu sangue limparam e demarcaram com sebes; ou os lugares conhecidos, as fazendas isoladas, o aglomerado de casinhas em torno de um castelo ou uma igreja, a linha do rio, do bosque, da vereda, do caminho; linhas recebidas e linhas traçadas. Assim, ainda que o campo e a cidade guardem essa importância profunda, cada um a seu modo, meus sentimentos já estão comprometidos antes mesmo que tenha início qualquer argumentação.

Mas, além disso, de modo específico, eu vim de uma aldeia para uma cidade: para ser ensinado, aprender; entregar fatos pessoais, incidentes de uma família, a um registro geral; aprender dados, conexões, perspectivas diferentes. Se os muros das faculdades eram como os dos parques que contornávamos quando crianças, sem poder entrar, agora havia um portão, uma entrada e, no final, uma biblioteca: um registro direto, que cabia a mim aprender a usar. Relembro agora, com ironia, que foi apenas depois de chegar à faculdade que conheci, através de gente citadina, dos acadêmicos, uma versão influente do que realmente representava a vida campestre, a literatura campestre: uma história cultural preparada e convincente. Li também coisas correlatas, em livros eruditos e

em obras escritas por homens que saíram de escolas particulares para ir trabalhar numa fazenda, e por outros que foram criados em aldeias e agora são escritores do campo — todo um conjunto de livros, periódicos, notícias em jornais: a vida campestre. E me vejo fazendo a mesma pergunta, por causa da história: onde me situo em relação a esses escritores — num outro campo ou nesta cidade que dá valor às coisas? Trata-se de um problema difícil e irônico em sua persistência cultural.

Cambridge, porém, não era apenas isso. Ambivalência, de certo: uma universidade de estudiosos e professores, mas também de instrutores particulares e burocratas do ensino, preparando-se para ocupar cargos mais elevados; um mundo de homens que ampliavam o conhecimento humano e iluminavam a natureza e as vidas dos outros; um mundo de outros homens reunidos por solidariedade de classe, repetindo seus paradigmas legitimadores dentro dos muros da universidade, numa atitude ociosa e arrogante de observação e consumo. Para a minha família, a universidade era algo de estrangeiro, fosse Cambridge ou Bolonha. No entanto, havia também a Cambridge da Stourbridge Fair, que já fora o principal mercado do país: “esta feira admirável, a qual acorre gente de todas as partes da Inglaterra”,² como comentou Defoe na década de 1720; “um admirável aglomerado de gente” que também serviu de modelo para a Feira das Vaidades de Bunyan.* Muito depois, quando voltei na condição de membro do conselho de uma faculdade, constatei que, em virtude (ou na ausência) de um cargo intelectual, eu me tornara de certo modo, e contra a minha vontade, integrante de uma espécie de senhorio coletivo e perpétuo; e pediram-me delicadamente que passasse a frequentar os almoços dos arrendatários, para os quais nunca tive estômago. Lembrei-me do que escrevera Arthur Young sobre a Universidade de Cambridge:

* Em *The pilgrim's progress* — narrativa alegórica da peregrinação da alma a caminho da Cidade Eterna —, de John Bunyan (1628-88), a Feira das Vaidades (*Vanity Fair*) é um local onde se vende toda sorte de “vaidades”: casas, honrarias, reinos etc. (N. E.)

sua renda anual é de 1600 libras, e por um xelim e seis *pence* um membro pode participar de um jantar do tipo que um cavalheiro com renda anual de mil libras, se for prudente, não poderá oferecer com frequência.³

Defoe já percorrera uma das estradas:

margeando os Fenns, até Huntingdon, onde se entronca com a grande estrada do norte; deste lado, há por toda parte agradáveis terras cultivadas, como acima, decoradas com diversas mansões de cavalheiros.⁴

Young, em 1791, havia percorrido outra:

Tomando a estrada que leva de Cambridge a St. Neot's, veem-se seis ou sete milhas do que espero ser o que há de pior em matéria de lavoura na Grã-Bretanha. [...] Parece haver uma certa coincidência entre o estado da lavoura na proximidade dos venerandos pináculos de Cambridge e o fato de que a agricultura é totalmente ignorada nesta universidade.⁵

É por essa estrada que agora volto em meu carro, da universidade para casa. Agora os campos são bem cultivados. Porém, na próxima aldeia em direção ao oeste, Cobbett viu, em 1822, algo

que em muito assemelha-se a uma aldeia do mesmo tamanho da Picardia, onde vi mulheres puxando grades pela terra para nela afundar os grãos. Sem dúvida, esta aldeia não lembra nada de inglês, a não ser certos burgos podres* da Cornualha e de Devonshire, sobre os quais a Providência

* *Rotten boroughs*: distritos eleitorais com muito poucos eleitores, porém com o direito de eleger um parlamentar; foram abolidos com a reforma de 1832. (N. T.)

parece ter pronunciado uma merecida maldição. A terra por aqui parece ser muito ruim. O campo está nu. As poucas árvores enfezadas que se veem, e até mesmo as sebes de espinheiros, estão cobertas de um musgo amarelo. Tudo é árido e agreste; e, justamente na parte mais inóspita desta paisagem tão inóspita,vê-se, quase oportunamente, a “Forca de Caxton”, um braço simpático oferecido ao viandante. Ela foi recentemente repintada e recebeu um letreiro bem legível, em benefício, creio eu, daqueles que não conseguem suportar a ideia de um alqueire de trigo valer quatro xelins.⁶

Também isto é diferente agora, mas sempre que penso nas relações entre campo e cidade, e entre berço e instrução, constato que se trata de uma história ativa e contínua: as relações não são apenas de ideias e experiências, mas também de aluguéis e juros, situação e poder — um sistema mais amplo.

Assim, é este o lugar em que me encontro, e ao preparar-me para o trabalho verifico que terei de resolver passo a passo experiências e questões que, antes, moviam-se à velocidade da luz. A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.

Um cão está latindo — latido de cão acorrentado — atrás do celeiro de amianto. Presente e passado; aqui e muitos lugares. Quando há perguntas a formular, empurro minha cadeira para trás, olho para meus papéis e sinto a mudança.